



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Mediatização, aprendizagem e incivilização¹ **Mediatização, learning and incivility**

Ana Paula Pinheiro 1²

Fernanda Pinheiro 2³

Resumo: Trataremos neste artigo sobre as reflexões realizadas acerca de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como sujeitos envolvidos jovens na faixa etária de 15 a 17 anos de uma escola Estadual do Estado do Rio Grande do Sul. Os temas abordados foram o uso das mídias para aprendizagem no contexto escolar e fora dele. A incivilização nos ambientes virtuais, levando em consideração os discursos de raiva presentes no Facebook. Os instrumentos utilizados foram questionários com perguntas abertas e fechadas e grupos focais com diferentes faixas etárias e de turmas diferentes. As reflexões realizadas à luz das respostas dos jovens nos permitiu ponderar sobre a urgência de uma Educação voltada aos aspectos epistemológicos da mediatização social nas escolas e ambientes de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Mediatização; Aprendizagem; Incivilização.

Abstract: We will deal with this article on reflections made about a qualitative, having as subjects involved Young people in the age group of 15 to 17 years of a state school of the Rio Grande do Sul. The topics covered were the use of media for learning in the school context and out of it. And the incivility in virtual environments, taking into account the angry speeches present on Facebook. The instruments used were questionnaires with open and closed questions, and focal groups with different age

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Mestra em Educação pela UFFS, Especialista em Gestão e Coordenação Pedagógica, Educação Ambiental- FURG, Mídias na Educação UFRGS e Atendimento Educacional Especializado, Graduada em Pedagogia, Educação Física e Ciências Biológicas. Integrante do Grupo de Pesquisa: Saberes e fazeres do Coordenador Pedagógico e GEPES da UPF. Email: anapaulapinheiro25@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Medicina da ULBRA, participante do Grupo de Pesquisa: Fibrilação Atrial, membro o IFMSA, do centro acadêmico de medicina, da liga de anatomia e cirurgia torácica. Email: fernandapinheiro24@gmail.com



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

ranges and different classes. The reflections made in the light of the responses of the young people allowed us to consider the urgency of an education focused on the epistemological aspects of social mediatization in school and learning teaching environments.

Keywords: Mediatization; Learning; Incivility.

1. Para início de conversa

Vivenciamos tempos mediatizados, nos quais a comunicação é imprescindível, a exposição dos sujeitos a algum tipo de mídia, ou tecnologia também. Sobre tais aspectos a muito que ponderar, especificamente com relação ao uso das mídias em nosso dia-a-dia e no que se tange a aprendizagem, para tal apresenta-se neste trabalho algumas reflexões sobre a tríade: Mediatização – Aprendizagem - Incivilização. Elencando algumas elucubrações para adentrar a pesquisa que fora realizada no ano de 2018. Até que ponto a mediatização infere na aprendizagem dos adolescentes? De que forma o uso das mídias procede por edificar uma conjuntura de incivilidade nestes sujeitos? Este trabalho apresenta aspectos de uma pesquisa de abordagem qualitativa realizada com 50 jovens adolescentes em idade escolar de 15 a 17 anos, do Ensino Médio, de uma escola pública do interior do estado do Rio Grande do Sul.

Como instrumento de coleta de dados optou-se por fazer uso de questionário com inquirições abertas e fechadas sobre a aprendizagem por meio das mídias e a realização de três encontros com grupos focais, sendo um dos critérios as diferentes faixas etárias, dentro dos anos do Ensino Médio a que pertenciam. Nos referidos encontros foi debatida a temática da aprendizagem e da incivilidade nas redes sociais. Foram abarcados na pesquisa os aspectos referentes ao comportamento e atitudes com uso das mídias para aprendizagem, como, o quê, para quê, quando, quanto tempo, e se conseguiriam realizar as mesmas tarefas sem o auxílio das mídias em seu dia-a-dia.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Ao reportar-se sobre a significância de seu uso como ferramenta de aprendizagem, pode-se lidar com os aspectos da incivilidade. Nos três encontros com os grupos focais, foram trazidos para o debate o respeito à opinião do outro nas redes sociais, bem como alguns questionamentos: até que ponto posso dizer tudo que penso, sem pensar nas palavras que são digitadas e lançadas na rede? O que é ser incivilizado no ambiente virtual? Para instigar a reflexão com os jovens, fez-se uso de citações contendo discursos de raiva retirados de comentários em postagens no Facebook. Os grupos focais permitiram que ao mesmo tempo pudessemos realizar a pesquisa, e também de certa forma uma intervenção na realidade apresentada, pois puderam refletir e debater sobre os temas abordados, e sobre a presença da raiva, das falas sem argumentação, das Fake News⁴, das pessoas despolitizadas de opinião, e dos que seguem a maioria.

1.1 Educação para as Mídias

Acreditamos na urgência da Educação para as Mídias, pois ela envolve não apenas aspectos prementes da aprendizagem de várias habilidades, mas também deve desenvolver um espírito de criticidade, de uso das mídias para construção de argumentos, de contra argumentos, de relações que devem perpassar o ambiente virtual. Falamos aqui em “para as”, pois vislumbramos que preparar os jovens e as crianças para o seu bom uso é fundamental.

O fato é que os jovens necessitam exercitar a construção argumentativa, a capacidade dialógica de compreender a opinião do próximo, respeitá-la, mas também ter argumentos para o discurso, conforme Habermas (2013b), um discurso que promova esclarecimento. Pois, caso não for devidamente trabalhada a questão do uso das mídias

⁴ Mesmo as Fake News não sendo foco desta pesquisa, elas foram abordadas, pois trata-se de um assunto presente na realidade da vida dos jovens, portanto não poderíamos deixar de abordá-lo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

servirá não como meio de expressão, mas como eixo disseminador de ideias, de fatos que, por vezes influenciam sujeitos despolitizados.

Para Habermas (2013b, p. 29)

Embora apresente tecnicamente um potencial de libertação, a rede de comunicação, tecida de forma cada vez mais densa, das mídias eletrônicas de massa é organizada hoje de tal modo que, em vez de servir para submeter os controles sociais e estatais por seu turno a uma formação descentralizada e discursiva da vontade, a qual é significativamente canalizada e liberta de seus limites, controla antes a lealdade de uma população despolitizada.

Uma população despolitizada seria no sentido de não ter uma opinião fundada sobre, e que se deixa influenciar pelo que uma maioria por vezes nem tão embasada pensa ser o correto. Este fato acontece com os jovens que compartilham fatos, posts, entre outras coisas na rede sem compreender o verdadeiro significado do que estão disseminando na rede. E sendo assim, as mídias acabam sendo um meio propagador de vários fatos descabidos, e de promoção por vezes de sentimentos de raiva e de insipiência para com o próximo. Desumanizando os sujeitos em um processo silente, seria a “fofoca virtual”, entre outros fatores que poderíamos elencar sobre os efeitos maléficos dos discursos de ódio no Facebook.

Certamente vivemos em uma época, em que a comunicação por meio das mídias se faz eficiente para obtenção de informações, e muitas vezes em tempo real. Nunca foi tão fácil saber sobre o outro, criticar o outro, inferir-se de forma desumana, pois acredita-se estar em situação de vantagem devido ao distanciamento físico. Mesmo parecendo que a conectividade aproxima a todos, de que forma ela ajuda a formar seres humanos críticos, que se autoavaliem e pensem antes de agir? Agir, no sentido de postar informações falsas, tendenciosas, compartilhar Fake News, fazer comentário com teor pejorativo. Com o acesso a quase tudo. O que se perdeu isso? O que se ganhou? As substituições são inerentes as mudanças, visto que vivemos novos tempos; diferentes e por isso, necessitamos tanto de uma Educação para o bom uso da mídias, que desenvolva e aprimore a sensibilidade humana nestes ambientes.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Este trabalho corrobora de forma simples o que muitos autores vêm elencando em suas pesquisas. É preciso compreender os discursos de raiva que são lançados, compartilhados e reafirmados conforme Gervais (2017) que realizou sua experiência fazendo uso de situações de raiva e de outras emoções e sentimentos, como a ansiedade e o entusiasmo. Realizamos a pesquisa com base na sua experiência, mas utilizando para análise as postagens do Facebook, sendo as mais polêmicas, ou insidiosas para poder perceber a reação dos sujeitos da pesquisa, ao observar as frases escritas. Percebeu-se, vários sentimentos, desde o espanto, a indignação, ao silêncio, a naturalização do que parece não me atingir, a indiferença, a vergonha, entre outros.

Como resultado da pesquisa obteve-se além da resposta de que a maioria dos jovens não faz uso adequado das mídias para aprendizagens realmente efetivas, e sim como meio de facilitar outras situações, como no caso dos trabalhos, famoso “copia e cola”. Percebe-se a incompreensão das inferências da incivilidade nas redes sociais, ou seja, até a realização da experiência dos grupos focais muitos não haviam percebido os discursos de raiva e as emoções que perpassam os relacionamentos virtuais, bem como, não compreendiam o significado de incivilidade. Pondera-se após a realização deste trabalho que uma Educação voltada aos aspectos epistemológicos da mediação social se faz urgente e necessária. Ou seja, uma Educação para as Mídias!

1.2 Aprendizagem: fatos ou conceitos

Precisamos compreender como os sujeitos aprendem, este é um dos principais pontos da Educação, seja ela para as Mídias, ou para qualquer outro aprendizado. De acordo com Rebollo (2004, p. 17 apud ROTTA, 2016a, p.177), “Aprender é um processo de aquisição produzido pela ação da experiência que se traduz em uma mudança de comportamento”. Como vemos, aprender é processo que perpassa pelo corpo e pela ação deste sobre o meio, gerando uma mudança de comportamento, pois



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

diante do aprendido percebe-se e desvela-se um novo olhar sobre o que antes se achava sabido.

Rotta (2016a) também confirma que aprendizagem engloba o ser em sua totalidade e elenca que devam existir condições básicas para que esta ocorra. Sendo a aprendizagem um processo que envolve fatores genéticos, orgânicos e ambientais, que se embasam no funcionamento do Sistema Nervoso Central.

Conforme Rotta (2016a, p. 177) “aprender está vinculado ao desenvolvimento maturativo cerebral e funcional de cada indivíduo, acrescido de toda a sua carga e inserido em um ambiente no qual ocorre uma constante e importante troca de relações e vivências, que vão estruturar a personalidade desse novo ser”. Desta maneira percebe-se que aprender deve ser um processo significativo e não superficial ou facilitado como o que vislumbramos com o mau uso das tecnologias e mídias para aprendizagem. Vale relembrar que aprendemos durante todo nosso ciclo vital, ou seja, durante toda existência de cada ser.

Para termos uma Educação Midiática relevante devemos formar professores/as capacitados para realizar esta mediação de forma efetiva compreendendo os aspectos epistemológicos (epistemologia é a ciência que explica como o conhecimento é adquirido), que constituirão estas novas maneiras de trabalhar conceitos, não apenas na forma de acesso a informação e dados.

Ainda para Rotta (2016a) a teoria de Piaget sobre a como a aprendizagem acontece aponta a inteligência humana como capaz de realizar adaptações ao meio por consequência do equilíbrio entre a assimilação e acomodação, sendo estas as que modificam as estruturas do indivíduo em função do meio.

As reflexões acerca dos significados de fato, e ou informação e sobre conceitos, vislumbradas sob a luz da aprendizagem fazem-se necessárias neste momento do trabalho, visto a compreensão da linha metodológica que direcionou a pesquisa. Supracitadas elucidações, emergir-se-ão de Pozo e Crespo (2009, p. 82-83)

Destacar que os fatos e os dados são aprendidos de modo literal, consistem em uma reprodução exata, na qual o aprendido não



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

contribui com nada além do esforço de repetir, enquanto os conceitos são aprendidos estabelecendo relações com os conhecimentos prévios que se possui. Assim, a aquisição de fatos e dados tem um caráter de tudo ou nada. [...], sobre os conceitos não se sabe “tudo ou nada”, senão que é possível entendê-los em diferentes níveis. Enquanto o aprendizado de fatos somente admite diferenças quantitativas “sabe, ou não sabe”, o aprendizado de conceitos é caracterizado pelos matizes qualitativos (não se trata tanto de saber se o aluno compreende ou não, mas de “como” compreende)

A compreensão de que aprendizagem vai além de mera aquisição rápida de conteúdo literal nos possibilita avaliar o que se aprende com uso das mídias e da maneira com que os/as alunos/as sujeitos da pesquisa apresentaram como uso das mesmas para sua “aprendizagem”, bem como os/as professores/as estão solicitando estes trabalhos de pesquisa, ou busca de informações. Perpassando por vários vieses tanto de ensino quanto de aprendizagem que realmente seja efetiva e significativa. Bem como do uso destes recursos midiáticos para construção de conceitos e não apenas aglutinação de fatos, ou informações.

Uma infinidade de dados e informações ao dispor dos/as jovens! É o que o homem/mulher midiatizado/a possui. Como fazer destes recursos objetos para desenvolvimento de conceitos por meio de aprendizagens significativas é o desafio que possuímos. Como afirmam Bauman e Leoncini (2018, p. 95)

Se, no tempo em que Bauman cresceu, a tese de racionalidade instrumental de Max Weber era a melhor representação da realidade – porque os objetivos a alcançar eram claros, era preciso encontrar os meios adequados para realizá-los –, hoje, na melhor das hipóteses, *os nascidos em tempos líquidos* têm somente os meios. Alguns recursos, algumas competências, algumas habilidades.

Possuir os meios, os recursos não correspondem a resultados de aprendizagens significativas, ou transformadoras, desta forma uma Educação para as Mídias, voltada para o bom uso das mídias e tecnologias faz-se emergente e urgente no atual contexto social.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Ao saber que não podemos mais ignorar nas salas de aula, seja na escola pública ou privada, seja no ambiente acadêmico a superficialidade do trabalho com as mídias e tecnologias, como se as mesmas fossem meros suportes de apoio. Como se tivéssemos agora apenas que substituir o quadro branco, ou verde, pelo projetor e estarei trabalhando com novas tecnologias. O fato deve ser encarado de forma diferente na Educação para as Mídias. Precisamos de jovens que consigam realizar a criticidade dos fatos, buscar argumentos para suas falas, compreender os processos históricos, políticos e sociais que constituem o sistema vigente. Respeitando ao próximo, acreditando que mesmo afastado das pessoas pela distância que o ambiente virtual propicia, minhas opiniões quando expressadas de maneira incivilizada podem afetar outros sujeitos de forma imensurável. Seria humanizar também o ambiente das relações sociais virtuais. Desta forma, as aprendizagens para as Mídias perpassam o espaço físico da escola ou outro ambiente de aprendizagem.

1.2 Mdiatizado e incivilizado, eis a questão

Compreender o homem/mulher mdiatizado é saber que este possui ao seu dispor várias ferramentas midiáticas para fazer uso de forma autônoma, para sua comunicação para acesso a dados e informações e sua aprendizagem. O que de certa forma, postula uma liberdade que por vezes não é utilizada de maneira adequada, surgindo pois, a incivilidade. Esta é vista aqui como a maneira de externar discursos de raiva, de ódio em redes sociais, fazendo com que as ferramentas comunicativas tornem-se meios de divulgação de calúnias, ofensas entre outras coisas.

Conforme Garcia (2006, p.128) “As incivilidades são rupturas em nível das regras e expectativas tácitas de convivência, dos pactos sociais que perpassam as relações humanas e cujo sentido muitas vezes supomos seja de domínio público desde a infância” Uma transgressão ao esperado, com a “falsa” impressão de segurança, ou de distanciamento do objeto ao qual se agride, e por vezes conforme pesquisa de campo não entendido como ato incivilizatório pelos praticantes e usuários.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Conforme Freud (2011, p. 56) “há diferenças na conduta humana que a ética classifica de “boas” ou “más”, não considerando que foram produzidas por condições determinadas.”, [...] por vezes a nossa sociedade estabelece prêmios para a maldade. E percebemos isso ao analisar as ações humanas nas redes sociais. A arena mudou, mas as disputas permanecem. Neste momento faz-se pertinente fazer uso de uma fala utilizada por Freud (2011, 57) “*Homo homini lúpus*” [O homem é o lobo do homem], [...]. Via de regra, essa cruel agressividade aguarda uma provocação, ou se coloca a serviço de um propósito diferente, que poderia ser atingido por meios mais suaves. A frase é pertinente para analisarmos que a agressividade é transmitida por meio das ações incivilizatórias nas redes sociais, de certo modo seria como destruir alguém, meu próximo semelhante com outras armas. Ou escolher algo, ou sujeito para que seja crucificado nos meios sociais, produzindo alvoroço. Disseminando agressividade e incentivando outras pessoas a fazê-lo, a curtir, a não curtir, a comentar, a abster-se, a tomar partido ou não.

Freud (2011) elenca que é necessário trabalhar está agressividade que seria instintiva a nossa espécie. Conforme Freud (2011, p. 69) “a agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é recolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como “consciência”, ou sentimento de culpa”. Fatores psicológicos que orientam as buscas dos porquês do comportamento incivilizado nas mídias sociais.

Vislumbramos de forma prática, como nos discursos utilizados nesta pesquisa, retirados do Facebook, existem os que apoiam as ideias lançadas por um grupo ou pessoas e acabam intensificando os discursos com seus comentários, tão ou ainda mais ofensivos, os que discordam e também são alvejados pelos demais, mas mesmo assim explanam suas opiniões e ainda temos os que não desejam se indispor com ninguém e preferem ficar apenas lendo as postagens realizadas. Este exemplo possibilita perceber o processo de incivilização existente nas mídias atualmente. Fizemos uso apenas do Facebook, mas sabemos que outras mídias também são utilizadas para tal fim.

Corroboramos com estas elucidações Bauman e Leoncini (2018, p. 63)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

São infinitos os casos em que a web, agindo como vitrine da identidade humana, fez vítimas na própria rede de conexão: de fato, foram muitos os suicídios em consequência de uma perseguição mesquinha e violenta contra indivíduos frágeis. [...] No entanto, a web, com as redes sociais, nos engana, fazendo-nos crer que, através das curtidas e dos comentários podemos de fato plasmar e difundir uma democracia universal, mas em vez disso criamos simplesmente uma visão pessoal nossa, individual, que vai se somar a outras visões individuais diversas. E, mais uma vez, levamos o privado ao público.

O processo de ser incivilizado nas redes sociais, apresenta-se de forma que o sujeito fosse detentor de um escudo protetor, é ilusório, mas alimenta um ego da insipiência do sujeito praticante. Os discursos de ódio e raiva são alimentados e retroalimentados quando compartilhados e disseminados. Por vezes as pessoas que curtem e compartilham não possuem as percepções de quanto pesam as palavras proferidas nas redes sociais.

No âmbito da escola podemos elencar a presença da incivilidade de outra maneira, conforme Garcia (2006, p.127)

Entre as incivildades cotidianas na escola destacam-se, por exemplo, as grosserias, as desordens, as ofensas verbais, e o que se denomina sem muita precisão conceitual de "falta de respeito". Sob essa concepção, algumas formas de "bagunça", devido a sua pouca gravidade e previsibilidade, seriam incivildades, e nem tanto indisciplina, no sentido de romper com regras de algum contrato pedagógico, ou mesmo em relação a alguma expectativa expressa no regimento escolar.

Desta maneira, a incivilidade expressa-se como um estado de não ser civilizado, não respeitar os limites pessoais de cada indivíduo ou sujeito. A escola acaba sendo um dos *locus* de propagação e por vezes o que começa com o que os jovens chamam de brincadeiras, perpassa os muros da instituição e segue rumo as mídias sociais, tornando-se uma bola de neve com indefiníveis proporções.

Percebe-se assim a comunicação perpassa para o achismo infundado de opiniões que são validadas seja pelo silêncio, ou pela ratificação dos sujeitos que interagem sobre.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

O esclarecimento, ou a autorreflexão conforme Habermas (1989a) seria a peça chave para o trabalho com estes jovens, aplicando a reconstrução da *práxis* comunicativa a partir dos processos sociais e históricos dos sujeitos.

O discurso para Habermas (2013b) não consiste em uma troca de informação, mas deve possuir argumentação para e sobre. Habermas (2013b, p. 50), exemplifica

O discurso, ao contrário, serve à fundamentação de pretensões de validade problematizadas de opiniões e normas. Nesse caso, o sistema de ação e de experiência remete obrigatoriamente a uma forma de comunicação em que os participantes não trocam informações, não controlam nem executam ações e não realizam ou mediam experiências, mas procuram argumentos e oferecem fundamentações.

Desta forma, os discursos “fundamentados” tornam-se essenciais para apoiar a reconstrução da *práxis* comunicativa, necessária em uma Educação para o bom uso das mídias, especialmente as de relações sociais, pois vislumbramos ao conversar com o jovens nos grupos focais, os quais não possuíam relações (pois eram de diferentes turmas) que os problemas envolvendo a disseminação de fatos e informações infundadas era corriqueiro entre os três grupos. Por vezes compartilhavam Fake News, ou inflamavam ainda mais postagens de difamação. Bem como também compartilhavam fatos e postagens que nunca liam até o final, apenas observando os enunciados. Fator que dificulta o entendimento da notícia ou postagem.

Habermas (2013b), explica que “a virtualização de pretensões de validade, a qual consiste em apresentarmos uma reserva existencial diante de objetos da ação comunicativa (coisas e acontecimentos, pessoas e proferimentos) e interpretarmos fatos da mesma.” Como se as postagens viessem ao encontro do que os sujeitos trazem guardados, ou por vezes acreditam nas pessoas que as postam, e sendo assim, nos seus discursos, que preferem aceitar por vários motivos.

O trabalho em sala de aula com a Educação Midiática, o uso ético destes meios de comunicação e por que não da argumentação seriam caminhos a seguir para solucionar este impasse social, que por vezes toma proporções indesejáveis. Para Perez (2012) “através do exercício da argumentação, as “pretensões de validade”, por meio



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

das quais os agentes se pautam, são tematizadas e problematizadas.” Sendo o trabalho educativo pelo viés da construção de argumentos uma solução educativa para formação de sujeitos críticos e politizados.

Um discurso conforme Habermas (1989a, p. 156), a ética do Discurso exige, quando da passagem para a argumentação, o “rompimento com a ingenuidade das pretensões de validade erguidas diretamente e de cujo reconhecimento intersubjetivo depende a prática comunicativa do cotidiano”. Reforçando um trabalho voltado para a produção de uma *práxis* comunicativa coerente e responsável.

1.3 Analisando os achados da pesquisa

Passamos agora a uma breve análise dos questionários aplicados aos jovens com relação ao uso das mídias para a sua aprendizagem.

Dos 50 jovens participantes da pesquisa, todos contribuíram com suas respostas ao questionário, obtendo 100% das devolutivas. A faixa etária predominante era de 16 anos. E com predominância do gênero feminino.

Com relação as questões de como utilizavam as mídias para sua aprendizagem obtivemos 100% dos jovens com uso do celular para pesquisas, trabalhos, copiar e colar, como eles mesmos elencaram.

Passamos a análise das respostas obtidas com aplicação do questionário.

1- Quadro organizacional do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa

<i>Questões orientadoras</i>	<i>Respostas categorizadas pela maior frequência</i>	<i>Respostas categorizadas pela menor incidência</i>
Mídias utilizadas com maior frequência?	Celular	Televisão
Redes sociais que faz uso?	Whatsapp e Facebook	Twitter
Como utilizam para	Copiar informações e	Assistir vídeos sobre os



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

aprendizagem?	trabalhos	temas das aulas
A importância das mídias para sua aprendizagem?	Muito importante	-----
Expõem sua opinião nas redes sociais?	24 responderam que sim	26 preferem seguir a opinião dos amigos

Fonte: Organizado pelas pesquisadoras

1.1 Organizational framework of the questionnaire applied to the research subjects

<i>Guiding Questions</i>	<i>Answers categorized by the highest frequency</i>	<i>Responses categorized by lower incidence</i>
Most frequently used media?	Celular	Televisão
Social networks that make use?	Whatsapp e Facebook	Twitter
How they use it for learning?	Copying information and Jobs	Watch vídeos on the topics of classes
The importance of media for your learning?	Very important	-----
They expose their opinion on social networks?	24 replied that yes	26 prefer to follow the opinion of friends

Source: Organized by the researchers

Ao analisar as respostas podemos chegar a algumas considerações que de certa forma já foram apontadas ao longo deste trabalho. A primeira seria que de os jovens necessitam fazer o bom uso das mídias para o seu processo de Ensino e de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

aprendizagem e para isso fica a sugestão de uma Educação para as Mídias ser inserida nas escolas públicas de forma efetiva. Ressaltamos a escola pública, pois foi este nosso foco da pesquisa.

O segundo apontamento seria referente ao celular o qual é utilizado por 100% dos estudantes, mas não com o foco a favor da aprendizagem, para que isso aconteça temos uma caminhada de mudanças metodológicas a ser realizada. Mudanças referentes a escola a na visão de como se ensina e como se aprende. Reportando-se aqui a como os jovens fazem uso das mídias e tecnologias para aprender, como já havíamos elencado, estudam fatos, dados, superficiais. Copiam e colam informações que por vezes serão entregues ao seu/sua professor/a sem as devidas ponderações, debates, diálogos entre outras situações de ensino e aprendizagem que possam estar mediando a Educação para as Mídias e o desenvolvimento de um agir comunicativo mais consciente.

Todos os jovens que participaram da pesquisa ratificam que o uso das mídias é fundamental para aprendizagem, mas também abordam que fazem uso da maneira que sabem, pois de que outra forma poderiam usá-las?

Com relação ao expor a opinião percebeu-se que seguir a maioria torna-se mais atrativo, pois a falta de tempo para leituras e pesquisas mais aprofundadas. Sendo este um dos motivos para o comportamento de seguir os amigos mesmo sem concordar, nem pesquisar as fontes ou se a informação é verdadeira.

Com relação aos encontros dos grupos focais muitas reflexões foram feitas a partir das falas extraídas do Facebook. O que deveria ser apenas uma pesquisa de ações e de reações sobre o tema da incivilidade, propiciou um profícuo debate sobre as percepções antes não sentidas pelos sujeitos que participaram dos encontros.

Certos de que mais momentos como este devam ser propiciados nos ambientes escolares. Pois, analisar a conjuntura do discurso de raiva e de ódio a partir da realidade possibilita um novo olhar sobre o que de certa forma se encontrava naturalizado entre os sujeitos. É preciso descortinar os olhares! Estamos precisando!



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

2. Ponderações finais

Os processos de mediação modificaram a maneira de aprender dos sujeitos, especialmente dos jovens, mas o que se obteve como resposta ao questionário é que a maneira com que estes recursos são aplicados por quase todos os envolvidos na pesquisa é superficial, assim como a busca de dados e informações, não levam a formulação de conceitos significativos. Pois não produzem conhecimentos ao serem copiadas e coladas para serem entregues ao professor/a como mero cumprimento de um trabalho ou avaliação. A habilidade de copiar e colar do Google creio que todos possuem. É preciso repensar o processo de ensino e aprendizagem por e para as mídias.

O trabalho procurou de forma simples e breve apresentar pontos e estabelecer uma ligação entre a aprendizagem efetiva, diferenciando-a da informação e de dados que podem ser beneficiados por meio da Educação para as Mídias.

Com relação as questões iniciais sobre a interferência da mediação aprendizagem dos adolescentes acredita-se que ela faz parte de forma inerente a vida e ao contexto da aprendizagem dos jovens, não há como viver sem as mídias e muito menos não as utilizá-las para aprendizagem, o que ainda falta está relacionado aos aspectos metodológicos de como trabalhar com uso das mídias para promoção de aprendizagem. Seria uma proposta a Educação para as Mídias, para iniciar uma caminhada de qualificação desta aprendizagem.

Sobre a forma com que o uso das mídias procede por edificar uma conjuntura de incivilidade nos jovens, percebemos que o distanciamento, a falta de elucidação, por falta de aprofundamento teórico e histórico de conceitos, por possuir apenas informações rasas é um propulsor do comportamento incivilizado. A visão linear por vezes dificulta o entendimento sobre os fatos. Bem como a leitura superficial, ou de enunciados.

Frente as análises desta breve pesquisa, pode-se perceber que uma Educação relacionada aos aspectos epistemológicos da mediação social é extremamente necessária e urgente, bem como o melhor lugar para que esta Educação para as Mídias



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

aconteça é no espaço escolar, mediado por professores/as capacitados para entenderem as mudanças ocorridas no processo de ensino e aprendizagem. Nas quais as mídias devem estar a favor da construção de conceitos, para possibilitar o desenvolvimento de sujeitos que possam argumentar, contra argumentar sobre conceitos de forma embasada nos contextos históricos, teóricos e sociais.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI Thomas. **Nascidos em tempo líquidos: transformações no terceiro milênio**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Pinguin Classics, 2011.

GARCIA Joe. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. **ETD. Educação Temática Digital**. v.8, nº 1, dez. 2006. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1112/1127> Acesso: jan/2019.

GERVAIS, Bryan T. **More than Mimicry? The Role of Anger in Uncivil Reactions to Elite Political Incivility**. International Journal of Public Opinion Research Vol. 29 No. 3 2017.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____, Jürgen. **Teoria e práxis - estudos de filosofia social**. Trad. Rúrion Melo São Paulo: UNESP, 2013

LEAL, R. G. Jürgen Habermas. In BARRETO, V. (Coord.). **Dicionário de Filosofia do Direito**. Rio de Janeiro, 2009, p. 403-408.

OHLWEILER Lygia. Fisiologia e neuroquímica da aprendizagem. In: ROTTA, N, T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. dos S. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEREZ, Miriam Azevedo Hernandez. Teoria do agir comunicativo e estado democrático de direito. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XV, n. 103, ago. 2012. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12146>. Acesso em jun. 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Ángel Gómez. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ROTTA, Newra Tellechea. **Neurologia e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

_____, N. T. Transtorno da atenção: aspectos clínicos. In: ROTT, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. dos S. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.